

#cm
2
FIM DE SEMANA



Gala Concert em Campinas

Espetáculo da consagrada
companhia **The Moscow Ballet**
é liderado pela premiada bailarina
Oksana Bondareva e oito solistas
internacionais. **Página 15**



Aos 76 anos, Djavan suspende a divulgação de seu último álbum de inéditas, 'Improvisto' (2025), para correr o país numa turnê só de sucessos

AFFONSO NUNES

Ele compõe exaustivamente e bem que poderia descansar aos 76 anos. Mas Djavan prefere comprar briga com o tempo. “Física mesmo. Dói a perna, dói o quadril. Você fica ali absorto naquilo. E tem também a coisa do pensar, de mergulhar nas histórias”, disse o cantor em entrevista antes de estrear em São Paulo a turnê que celebra meio século de carreira. O espetáculo, batizado “Djavanear 50 anos. Só Sucessos”, lotou o Allianz Parque em 9 de maio — 45 mil pessoas cantando cada letra na ponta da língua — e chega ao Rio para três apresentações (1, 2 e 8/8) na Farmasi Arena. Os ingressos já se esgotaram.

O percurso de Djavan Caetano Viana é daqueles que o Brasil gosta de contar. Alagoano de Maceió, filho de uma lavadeira que cantava enquanto passava roupa e compunha versos para cada filho que nascia, o menino cresceu envolto nas vozes de Orlando Silva e Ângela Maria no rádio, mas também com os pés na bola — chegou a integrar o time juvenil do CSA. Aos 13, um acaso o colocou diante da discoteca de Ismar Gatto, um médico amigo do colega de colégio: jazz, música americana, francesa, flamenca. “Aquilo me trouxe tudo”, recorda. A certeza veio aos 16, quando descobriu o instrumento. O futebol perdeu um meio-campista. A MPB ganhou um dos seus nomes maiores. E foi a mãe, Dona Virgínia, quem selou o destino: “Ela cantava, fazia versos, fazia uma música para cada filho. Minha mãe me ensinou tudo. Disse pra mim: ‘Filho, você vai ser cantor.’”

Em 1976 veio “A Voz, o Violão, a Música de Djavan”, um álbum de um jovem artista nordestino fadado a alguns elogios da crítica

Quem gosta de DJAVAN só pode buscar DJAVAN em mim

Cantor e compositor chega ao Rio para três apresentações esgotadas de turnê que resgata 50 anos daquilo que Caetano um dia chamou de ‘djavanear o que há de bom’

mas sem chegar ao grande público. Ledo engano. Desde então, são quase 30 álbuns de estúdio, incontáveis coletâneas, quatro Grammys Latinos e uma coleção de canções que o próprio define como “pessoal, intransferível”.

Produtores no início duvidavam do potencial popular de suas composições. Críticos achavam as letras indecifráveis. Meio século depois, ele reage com a ironia de quem viu o tempo dar razão a si próprio: “Desde o início, eu sabia que ia ter grandes dificuldades por ser um artista diferenciado. O que eu sempre fiz não está no radar. O que eu faço, só eu faço. Quem gosta de Djavan só pode buscar Djavan em mim. Não dá para conceber

um artista tão popular como eu, estranho. Estranhos são os outros”, diverte-se.

Não é pouca ousadia montar uma turnê em estádios e arenas aos 76 anos. Na última, a do disco “D”, Djavan já enfrentava plateias de 20 a 40 mil pessoas. “Tem uma logística própria para lidar com aquele cenário, com aquele volume imenso de gente, aquele som altíssimo no seu ouvido — parece que o mundo vai desabar na sua cabeça. Mas a gente está acostumado com isso já. Mas o nervosismo pré-show, garante, permanece. E é bem-vindo: ‘Fico. E acho o nervoso bom. Quero que seja uma coisa que, quando eu voltar para casa, eu volte feliz.’”

O repertório promete pelo me-

nos 25 canções que atravessam toda a discografia — “Sina”, “Oceano”, “Um Amor Puro”, “Se...”, “Eu Te Devoro”, “Samurai”, “Flor de Lis” e “Açaí” entre as certas. “Eu tenho uma discografia muito visitada. O meu lado B quase todo mundo conhece”, observa, ao explicar que o show visa colocar em voga “toda uma trajetória que eu considero bem-sucedida”. Tem ainda o que ele chama de “código djavânico” — aquela qualidade reconhecível entre os fãs, pelo qual “as pessoas conhecem e gostam de participar ouvindo as novas ou as antigas”. Com direção artística de Gringo Cardia, o espetáculo tem desenho de luz de Césio Lima, Mari Pitta e Sérgio Almeida. No palco, Dja-

van (voz, violão e guitarra) chega acompanhado de banda afiada: Felipe Alves na bateria, Marcelo Mariano no baixo, Torcuato Mariano na guitarra e violão, Paulo Calasans e Renato Fonseca nos teclados, e a seção de sopros com Jessé Sadoc (trompete e flugelhorn), Marcelo Martins (sax tenor e flauta) e Rafael Rocha (trombone).

A turnê não esgota as comemorações do cinquentenário. Em novembro de 2025, Djavan colocou nas plataformas “Improvisto”, seu 26º álbum de estúdio — doze faixas pela Luanda Records / Sony Music, onze inéditas, quase todas escritas nos últimos meses. O verso “Ir atrás do amor é um jazz”, de “Um Brinde”, dá a chave do disco: os movimentos não programados, o balé imprevisível das relações de amor. Entre as faixas, “O Vento” resgata uma parceria antiga com Ronaldo Bastos e serve de homenagem a Gal Costa; outra canção quase foi gravada por Michael Jackson a convite do próprio, nas sessões de “Bad”.

Uma biografia, “Djavan — dizem que o amor atrai”, também chega às livrarias neste ano, com depoimentos de familiares e informações inéditas sobre a trajetória pessoal e musical do artista.

Perguntado sobre o que enxerga pela frente, não hesitou: “O que eu vejo é que a minha predisposição de compor e criar novas canções se mantenha intacta. É isso que me mantém na vida: fazer canções novas, cantar e levar essa música para um público tão diverso e tão generoso comigo”. E o álbum “Improvisto” não lhe deixa mentir.

SERVIÇO

DJAVANEAR - 50 ANOS. SÓ SUCESSOS

Farmasi Arena (Av. Embaixador Abelardo Bueno, 3401 - Barra Olímpica) | 1, 2 e 8/8, às 21h
Ingressos esgotados



Seu Jorge e Marcelo D2



BK'



Belo



Gabi Melim

Frio?

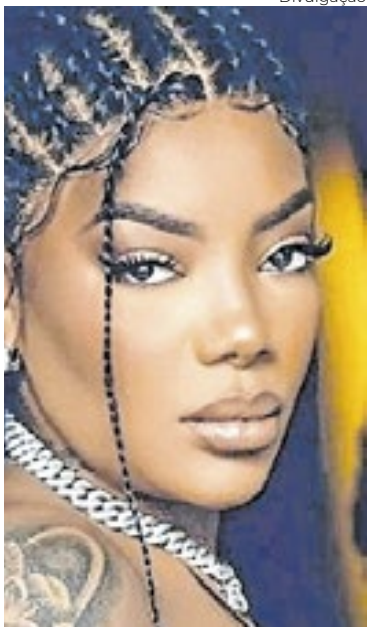
Só se for em casa

AFFONSO NUNES

O Rio de Janeiro possui um jeito de contrariar as estações. Quando o termômetro baixa e a cidade adota o casaco pela primeira vez no ano, a Marina da Glória acende as luzes e transforma o frio em desculpa para tudo aquilo que o calor do verão às vezes não permite: a convivência prolongada, o encontro entre gerações que não costumam frequentar os mesmos palcos, a descoberta de que artistas que parecem tão diferentes uns dos outros falam línguas muito próximas.

É o Enel Festival de Inverno Rio chega que chega neste fim de semana à reta final de sua nona edição com um lineup que, ao somar nomes, multiplica combinações artísticas. No primeiro fim de semana, Samuel Rosa dividiu o palco com Negra Li. Nando Reis encontrou Arnaldo Antunes — reedição, em chave própria, da parceria que marcou os Titãs nos anos 80. Maria Gadú, Ana Carolina e Marina Lima ocuparam a mesma noite, cada uma trazendo seu sotaque particular para a MPB do século 21. E houve uma maratona do BRock com Titãs, Ca-

Na reta final do Enel Festival de Inverno Rio, a Marina da Glória recebe três noites em que pop, rap, samba e MPB se encontram



Ludmilla



Luísa Sonza



Marina Sena

pital Inicial, Ira! e Trinuto ao Charlie Brown Jr., com ramenescents da banda do eterno Chorão.

Agora, nos três últimos dias, o festival reabre nesta sexta-feira (31) com Luísa Sonza, Ludmilla e Marina Sena. Três mulheres, três gestos, três maneiras de ocupar a música

popular brasileira neste momento.

Luísa Sonza chega ao festival após uma temporada que a levou ao Tomorrowland, na Bélgica — o pop internacional descobriu o que o Brasil já sabia. Ludmilla, que vem trabalhando o projeto “Fragments” numa chave mais intimista,

encontra no FIR um contraponto: a artista que o funk consagrou agora transita pelos festivais com a naturalidade de quem sempre esteve ali. Marina Sena fecha a noite com a força de seu repertório.

No sábado (1º), os Gilsons sobem ao palco com a herança que

aprenderam em casa e a inventividade que lhes é própria. Anavitória traz a delicadeza de seu repertório. E BK', o rapper que tem colocado a cena urbana em ebulição, fecha a noite.

No domingo (2), a noite de encerramento é toda de encontros: Belo convida Gabi Melim. Criolo encontra Rael. Seu Jorge reencontra Marcelo D2. Cada uma dessas combinações carrega uma história. Seu Jorge e Marcelo D2 já dividiram palco e estúdio: “Pode Acreditar” e “A Arte do Barulho” são marcos dessa parceria que mistura samba, rap e a melhor tradição da música urbana carioca. Criolo e Rael compartilham o DNA do rap paulistano, mas é na diferença entre seus caminhos que o encontro ganha interesse. Belo e Gabi Melim, por sua vez, representam o diálogo entre o pagode romântico noventista e uma nova autoralidade na MPB.

SERVIÇO

ENEL FESTIVAL DE INVERNO RIO 2026

Axia Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, s/nº) 31/7 a 2/8

Ingressos: a partir de R\$ 220, à venda no site e aplicativo da Bilheteria Digital

Um corpo e muitos instrumentos

Multi-instrumentista e uma das vozes queer mais relevantes da música brasileira contemporânea, Maria Baraldo faz show solo no Manouche percorrendo sua árvore genealógica musical

AFFONSO NUNES
Especial para o Correio da Manhã

Cantora, compositora, clarinetista, produtora, diretora musical — e ainda guitarrista, pianista e violonista quando a canção pede. Maria Baraldo se apresenta nesta sexta-feira (31) no Manouche.

A artista é catarinense de Florianópolis, cursou bacharelado e mestrado em música na Unicamp. Mas seu lugar musical é a cena independente paulistana — laboratório inquieto onde tocou com Elza Soares e Arrigo Barnabé, fundou o Quartabê, grupo instrumental com turnês por Brasil, Europa, Japão e América do Sul, e decidiu, em 2017, que era hora de existir também sozinha. No ano seguinte, veio “Cavala”,



Divulgação

A catarinense Maria Baraldo especializou-se em música na Unicamp, mas construiu sua trajetória artística na cena independente paulistana

disco de estreia com dez faixas que fazia de questões de identidade e sexualidade a matéria-prima de seu cancionário.

Seis anos depois, em 2024, chegou “Colinho”. Produzido por ela e

Tó Brandileone, o segundo álbum amplia o leque sem perder o fio: são onze faixas onde free jazz, pop, samba, choro, punk, bossa e funk coexistem não como colagem de gêneros, mas como paisagem natural de

alguém que cresceu ouvindo tudo e não viu motivo para escolher. A indicação ao Grammy Latino 2025, na categoria de melhor álbum de música alternativa em língua portuguesa, confirmou o que seu público

já sabia. Em entrevistas recentes, disse que o que lhe interessa na música é a invenção, não o reconhecimento. E experimentando a artista costura esse show. Além das próprias composições, ela vai traçar o que chama de sua árvore genealógica cancional — uma travessia que vai de Chico Buarque a Paul Preciado, passando por referências que incluem James Baldwin e Jorge Amado.

A relevância de Maria Baraldo, entretanto, não se esgota na canção. Desde 2019, colabora com o diretor Felipe Hirsch em música para teatro, com duas indicações ao Prêmio Shell e uma vitória no Prêmio Bibi Ferreira. No cinema, assinou a trilha de “Regra 34”, de Julia Murat, que levou o Leopardo de Ouro em Locarno em 2022, e de “Levante”, de Lillah Halla, premiado com a FIPRESCI em Cannes em 2023. Em 2024, criou a trilha de “Piedad Salvage”, peça do Balé Municipal de São Paulo. Há quem se assuste com a versatilidade; quem conhece sua trajetória entende que é tudo a mesma coisa — a busca por uma linguagem que comporte a complexidade do real sem concessões.

SERVIÇO MARIA BARALDO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
31/7, às 21h
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia e ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível ou livro, doado a comunidades carentes)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

O Grilo revisita álbum de estreia no Circo

Cinco anos após o lançamento de “Você Não Sabe de Nada”, álbum que consolidou a banda paulistana o Grilo como um dos nomes mais promissores do indie rock nacional, Pedro Martins (vocal), Lucas Teixeira (bateria), Gabriel Cavallari (baixo) e Felipe Martins (guitarra), estão de volta ao Circo Voador neste sábado (1), às 22h, com canções “Trela”, “Guitarrada”, “Contramão” e a faixa-título.



Divulgação

Liz Rosa celebra obra de Djavan no Blue Note

A cantora e compositora potiguar Liz Rosa leva para o palco do Blue Note nesta sexta (31) o show “Liz Rosa — Só Djavan”. Acompanhada por Martché (piano), Giordano Gasperin (baixo), Fofó Black (bateria) e Dudu Oliveira (sopros), o espetáculo é uma homenagem à extensa e importante obra do compositor alagoano, percorrendo desde seus primeiros discos, no fim da década de 70, até os dias de hoje.



Divulgação

Clássicos do samba com o jeito de Sapucahy

Leandro Sapucahy apresenta neste sábado (1), no Rival Petrobras, às 19h30 o show “Um samba que nem antigamente”, unindo o repertório dos dois volumes do projeto com mais de 100 milhões de reproduções nas redes sociais e mais de 40 milhões de streams nas plataformas digitais, consolidando-se como um dos conteúdos de samba mais relevantes e engajados da atualidade. No repertório, clássicos do samba com a voz e o jeito de Sapucahy.



Divulgação

Da tradição ibérica ao sertão brasileiro

O grupo Ensemble Galanteira é a atração desta semana das Sextas Instrumentais do Espaço BNDES. “Grande Sertão” é um espetáculo que percorre diferentes tradições musicais e literárias, da Península Ibérica medieval ao Brasil contemporâneo. Por meio de uma viagem sonora que passa por influências europeias, africanas e indígenas, o repertório revela os encontros culturais que ajudaram a formar a nossa identidade.



Divulgação

ENTREVISTA | DUDA MAIA

DIRETORA TEATRAL E COREÓGRAFA

‘Alceu Valença tem uma poesia que a gente escuta com o ouvido, mas sente na pele’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Responsável por extrair teatro do livro “Guerra Dentro da Gente”, de Paulo Leminski (1944-1989), numa encenação de respeito, Duda Maia não cansa de bailar a coreografia da invenção para blindar nossas artes cênicas de qualquer raio de mesmice, alcançando transcendências como a peça “Auê” (2016), com a Barca dos Corações Partidos. Depois de encenar “Poemas”, aqui no Rio, ela gravita pelos versos de um rapsodo do cancionero popular em “Anunciação – O Musical de Alceu Valença”. O espetáculo estreou no dia 23 de julho de 2026, no Teatro Carlos Gomes, comemorando os 80 anos do cantor e compositor. A direção geral é de Miguel Colker. A direção artística é de Duda.

No palco, oito intérpretes – em sua maioria nordestinos – dão corpo a uma narrativa sem personagens fixos, guiada por cerca de 35 canções, entre elas “Anunciação”, “La Belle de Jour”, “Tropicana” e “Como Dois Animais”. O texto da peça é assinado por Luiza Loroza e por Duda Rios, cofundador da supracitada Barca.

No papo a seguir, a encenadora e coreógrafa solfeja as encantarias de Alceu.

De que maneira a obra de Alceu serve como um roteiro espiritual e musical para a viagem sensorial que se trava no espetáculo “Anunciação”?

Duda Maia - A obra do Alceu Valença serve como inspiração para um roteiro em que a gente, como criação, tenha muita liberdade de brincar. Tem nele uma doídice muito boa, tem um lugar muito singular e muito fora da lógica (e fora da curva) e tem, ao mesmo tempo, uma poética que atravessa muito o nosso corpo — o corpo de toda a equipe, de todo mundo que escuta, o meu corpo como diretora. Então, isso serve de inspiração para você criar um roteiro. Um roteiro em que a imagem, a palavra e a sonoridade fiquem a favor de uma linguagem. A cada música que inspirava a Luiza e o Duda a escreverem alguma coisa, também me vinham muitas imagens. Esse lugar do sensorial passa pela poesia imagética. É uma poesia que a gente escuta com o ouvido, mas sente na pele.

Ecos de “Auê” ainda marcam o teu prestígio. De que forma as pesquisas edificadas ali, com o verso musical e o movimento, vetorizam sua imersão no cancionero e no Nordeste de Alceu?

“Auê” foi um marco na minha história como criadora, como diretora. Foi a primeira vez que eu propus experimentar instrumentos sem serem plugados, para me dar mais

liberdade com o corpo. Foi uma coisa que deu muito certo, mas que dá muito trabalho, sendo muito estimulante. Aí eu vim desenvolvendo outros trabalhos, “Jacksons”, “Elza”, “Contos Partidos de Amor”. Em alguns trabalhos, eu experimentei esse lugar do instrumento desplugado. E, no Alceu, eu acho que isso vem com muita força, porque a gente está falando de um artista que é um brincante, que tem uma brasilidade muito forte e que traz muitas imagens para mim. São imagens de movimento. Eu, naturalmente, vou buscando trazer esse movimento para os corpos das atrizes, dos atores e para esses instrumentos fazendo parte da encenação.

Pensando no processo da recente da peça “Poemas”, queria entender qual é o lugar da palavra na sua forma de pensar a cena e o movimento no palco. O que é a palavra escrita — e falada — para o teatro?

Pensando no processo de “Poemas”, no qual a palavra vinha com uma força muito grande, o texto era a rainha da encenação, assim como em “Desato”, da Viviane Mosé, um espetáculo que eu dirigi com poesias dessa autora. Porém, mesmo sendo espetáculos em que a palavra reina, no melhor dos sentidos, são palavras que atravessam o meu corpo, são palavras que me fazem pensar com o movimento. E isso é muito importante para mim. A primeira coisa que eu faço quando sou convidada



“Mesmo sendo espetáculos em que a palavra reina, no melhor dos sentidos, são palavras que atravessam o meu corpo, são palavras que me fazem pensar com o movimento”

para dirigir um espetáculo... e esse espetáculo já tem uma escrita apon-tada... é ler esse texto, essa ideia, esse release, e perceber se o meu corpo dança, se o meu corpo se movimen-ta, se me vêm imagens físicas.

Seus trabalhos coreográficos conversam com as dramaturgias que os pavimentam, mas sem se sub-jugar às palavras, buscando invenção e liberdade num coro de corpos. Há uma linha central de reflexão na espinha de seu trabalho como coreógrafa?

Eu venho da dança. Fui desde o

balé clássico até os folguedos populares, passando por diversas aulas de dança contemporânea, improvisação, contato e improvisação. Estudei muito. Mas o mergulho que eu fiz durante 16 anos na escola da Angel Vianna, de quem sou cria, é o meu chão, é a minha base como criadora. O olhar para o corpo de cada pessoa - no entendimento de que cada corpo é único e que você pode conseguir extrair o mais interessante dele — é o norte do meu trabalho. No processo do Alceu, a gente escutou muito as músicas dele, com sua sonoridade, e investigou como é o corpo tocar e cantar aquela música, não necessariamente com um ins-

trumento na mão ou com a sua voz. A questão era como é cantar com a sua bacia, com o seu joelho, com o seu cotovelo, com a sua escápula, com o seu ombro. Como é amaciar esse corpo, esse esqueleto que brinca e que se comunica.

Quais são os seus próximos projetos?

Vou entrar agora numa sala de ensaio com uma bailarina, Maria Alice Poppe, num solo de dança. A gente vai fazer um trabalho chamado “De Qualquer Modo Dança”, que fala sobre maturidade de um corpo maduro, de um corpo que tem muita história, de um corpo que talvez, pela idade, perca um pouco de técnica, mas ganha outros lugares, inclusive de vigor

SERVIÇO
ANUNCIAÇÃO

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº - Centro)
Até 16/8, às quintas e sextas (19h), sábados e Domingos (17h)
Ingressos a partir de R\$ 40

Divulgação



Divulgação TV Globo

Mauro Rasi
centrou parte
relevante de sua
dramaturgia
na escrita de
si mesmo

Rasimania

Estreia de uma nova montagem de 'Alta Sociedade' reforça a pertinência de Mauro Rasi, o Shakespeare de Bauru, como um cronista de afetos (e seus enguiços) nos palcos

Nana Moraes/Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Crônicas da vida familiar por vezes puxadas no tempero agriçoce, mas, por vezes, levemente amargas, as peças de Mauro Rasi (1949-2003) começaram a sair do forno há 63 anos, quando ele ainda era adolescente, com "Duelo do Caos Morto", e contagiaram o teatro brasileiro, a partir de sua terra natal, Bauru (SP), com um espírito observacional sobre as convenções das famílias, entre pecados, delitos, cumplicidades e quereses. "A Cerimônia do Adeus" (1987), "A Estrela do Lar" (1989), "O Baile das Máscaras" (1991), "Viagem a Forli" (1993) e "A Dama do Cerrado" (1996) abrilhantam um repertório dramático do qual nossos palcos não abrem mão jamais. Basta passar uma única temporada sem uma montagem das narrativas rasianas para que alguém volte a redescobrir a força de sua dramaturgia.

Há um eco de sua forma de escrever na recém-estreada "As Irmãs Pereira", de Pedro Brício, no Sesc Copacabana, na qual o humor é um meio de expor feridas fraternas profundas, algumas ligas à imigração portuguesa. A partir deste fim de semana é a vez de "Alta Sociedade" trazer Mauro de volta. Essa delícia de comédia estreia nesta sexta-feira (31), no Teatro Vannucci, reunindo Julia Lemmertz e Orã Figueiredo sob direção de Emílio de Mello.

Escrita em 2000, a peça acompanha Sylvia e Leopoldo, um casal de milionários falidos que tenta fugir do país na noite de réveillon para escapar da Polícia Federal. O apartamento de frente para o mar, os carros importados, as obras de arte e as negociatas financeiras compõem um retrato mordaz de uma elite acostumada a confundir privilégio com impunidade. O texto ganhou atualização assinada por Amanda Jordão, incorporando referências contemporâneas sem alterar sua espinha dorsal.

"O texto permanece surpreen-

dentemente atual — talvez até mais pertinente hoje do que quando foi escrito. As situações continuam as mesmas, mudaram apenas os nomes dos personagens da vida real", afirma Emílio de Mello, que interpretou vários personagens autobiográficos de Rasi, que considerava esse ator e encenador uma espécie de alter ego seu. "Penso que o teatro brasileiro seria diferente se Mauro ainda estivesse escrevendo. Sua dramaturgia transformava as hostilidades e as idiosincrasias da nossa sociedade em humor de alta inteligência. Ele compreendia que o riso pode ser uma forma sofisticada de crítica social e, ao mesmo tempo, um gesto de afeto. Num Brasil cada vez mais polarizado, agressivo e incapaz de escutar o outro, a obra de Mauro permanece atual porque nos ensina a olhar para nossas contradições sem simplificá-las. Seus personagens nunca são heróis nem vilões; são seres humanos cheios de fragilidades, desejos e ambiguidades. É justamente por isso que sua dramaturgia continua sendo uma das formas mais sensíveis de compreender os modos de amar e de viver no Brasil: ela critica o país sem perder a ternura e faz do humor uma ferramenta de autoconhecimento coletivo."

Poucos autores conseguiram retratar a classe média e a burguesia brasileiras com a mistura de afetividade, crueldade e ironia de Rasi, numa autopsia em corpo vivo da mesquinha nossa de todo dia. Sua mirada misturava confissão, memória e crítica social. Ele deu continuidade à temática familiar iniciada por Naum Alves de Souza (1942-2016) em "No Natal, A Gente Vem Te Buscar" (1979), corporificando em palavras um zeitgeist que estava fora da cena brasileira, na reta final da ditadura militar (1964-1985).

Um dos textos da lavra de Rasi mais conhecidos, "Pérola", de 1985 - escrito como um tributo à sua mãe e celebrado na ribalta por Vera Holtz - voltou ao centro das atenções em 2022, quando Murilo Benício dirigiu sua adaptação cinematográfica, protagonizada por Drica Moraes. O longa se



Julia Lemmertz e Orã Figueiredo estão juntos no palco em 'Alta Sociedade'

encontra disponível no streaming do Telecine (podendo ser visto via Prime Video).

À época que o filme passou no Festival do Rio, Murilo contou ao Correio da Manhã que teve "o privilégio de conviver bastante com o Mauro, desde quando ele me chamou pra fazer a peça 'As Tias', em 1995, onde eu o interpretei".

"Aquele peça foi um sucesso absoluto de crítica e público, mas nada que se comparasse a 'Pérola', que, na época, era interpretada

pela Vera Holtz", disse Murilo, ao lançar o longa. "Quando eu assisti à peça pela primeira vez, fui jantar com o Mauro e falei que ele tinha que transformar a peça em filme. Acho que isso acabou ficando na minha cabeça, eu sabia do potencial daquela história", lembra o astro. "Infelizmente, Mauro nos deixou muito jovem. Então, quando eu decidi fazer a adaptação, eu tinha em mente que queria fazer uma versão que eu acreditasse que o Mauro faria. Os fãs da peça vão

poder reconhecer a essência da obra no cinema".

Da mesma forma, quem for rir com Lemmertz e Orã vai sentir um gostinho de Rasi em sua essência.

SERVIÇO

ALTA SOCIEDADE

Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 27/9, às sextas e sábados

(20h30) e domingos (19h)

Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 150

CRÍTICA TEATRO | PRA TE VER FELIZ

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Em 2013 a Cia. Dramática de Comédia, lançou o musical “Quando a Gente Ama”, com músicas de Arlindo Cruz, e a trilogia “Dá samba” efetiva seu segundo espetáculo, “Pra Te Ver Feliz”, sob a batuta do autor/diretor João Batista, numa produção/realização de Bruno Mariozz, da Palavra Z Produções Culturais. Propugnando uma atmosfera popular, a ótima montagem resgata pérolas de compositores brasileiros, sobretudo obras de Almir Guineto, sambista inovador, um dos grandes expoentes do samba de raiz.

O texto inspira-se numa ambiência suburbana carioca, amalgamando-se às músicas, que servem como complemento narrativo, estimulando o discurso das personagens, favorecendo as conexões amorosas e os embates de vidas modestas. Noite de natal, festa de aniversário, churrasco entre amigos, finitude de relacionamento, revelam um sotaque mais leve e despojado, aproximando à audiência. Tudo isso permeado de bom humor, no qual a dramaturgia reflete brasilidade.

O diretor estabelece uma homogeneidade apazível. Para além dos conflitos dramáticos, o espetáculo desagua num viés esperançoso, onde imagens são ordenadas no signo da felicidade. Ser feliz não é ausência de dor ou sofrimento e sim amar a vida, superando obstáculos, atesta Nietzsche. E toda a encenação harmoniosa re-

Samba curativo



O espetáculo desagua num viés esperançoso no qual imagens são ordenadas no signo da felicidade. Ser feliz não é ausência de dor ou sofrimento e sim amar a vida, como definia Nietzsche

verbera um bem estar contagiante. Há uma limpeza conduzida pela direção que produz beleza e magia.

Por algum tempo, no teatro musical brasileiro, artistas negros,

eram negligenciados. Felizmente a transformação, justíssima, desvela aqui um elenco talentoso, com ótima afinação, numa elegância rara, composto por Aline Borges, Elli

Ferreira, Jeniffer Dias, Thiago Thomé e Udylê Procópio, amparados pelos músicos: Carlos Rufino, Felipe D’Lélis, Fábio D’Lélis, Leo Antunes e Marlon Julio. Vilma Melo

e Lucas da Purificação destacam-se, abarcados por um espectro teatral, que os torna eletrizantes, mesmo quando estão em silêncio. A atriz já no primeiro quadro abrilhanta-se como uma mãe de família, repleta de variações, como sempre. Posuindo de uma corporeidade exuberante, o ator trafega pulsante, valorizando o texto falado e cantado.

Estruturas claras e um tablado avermelhado compõem um adequado preenchimento cenográfico, de Doris Rollemberg, além de uma rotunda branca, que propicia a pintura que Renato Machado desenha sobre o palco. O figurino, de Mauro Leite, carrega camadas simbólicas, remetendo às manifestações populares, tradições afro-brasileiras, celebrações religiosas, ancestralidade e purificação. Apesar da predominância do branco, cada personagem possui oscilações de modelagem, textura e sobreposição, numa fluidez de tecidos que favorecem a eficiente direção de movimento, de Dani Cavanellas. Apropriada, a direção musical, de Marcelo Alonso Neves, corrobora para que a dinâmica de roda de samba dialogue com a dramaturgia.

Numa linguagem afetiva, o espetáculo valoriza o samba, beneficiando curar a alma.

SERVIÇO
PRA TE VER FELIZ
Teatro Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, 187 - Centro)
Até 9/8, às quintas e sextas (19h) e sábados e domingos (17h)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Conflitos maternais

Inspirado na relação da dramaturga Maria Adelaide Amaral com sua mãe, “Querida Mamãe” encerra temprada no Teatro dos 4, Shopping da Gávea, com direção de Pedro Neschling e atuações de Nívea Maria e Regiane Alves, que dividem o palco pela primeira vez. Em cena, o conflito ganha forma no encontro entre duas mulheres atravessadas por diferenças profundas: de um lado, uma mãe marcada por valores conservadores e pela dureza da vida; de outro, uma filha que busca existir com mais liberdade, inclusive em sua maneira de amar.



Em terra de cegos

Com idealização do celebrado Grupo Galpão (MG), a montagem de “(Um) Ensaio Sobre a Cegueira” é a atração deste fim de semana na programação no 2º Festival de Teatro do Rio, no Teatro Riachuelo. A peça se baseia no romance homônimo de José Saramago em que uma epidemia de cegueira assola a cidade, privando seus habitantes de enxergar o mundo como antes. Tudo começa com um homem no trânsito, repentinamente cego. Rapidamente a condição se espalha e coloca à prova a moral, a ética e as noções de coletivo.



Encontro de casais

Assistida por mais de 200 mil pessoas em 270 sessões entre Brasil e Portugal, a peça “Dois de Nós” segue em cartaz no Teatro Axia Casa Grande. Nesta comédia dois casais de gerações diferentes - vividos por Antonio Fagundes, Christiane Torloni, Thiago Fragoso e Alexandra Martins - se encontram num quarto de hotel. Segredos e mentiras começam a ser revelados trazendo à tona um divertido turbilhão de sentimentos, com muita emoção e desafios, que mudarão a vida dos quatro personagens para sempre.



'Pegasus 3' é a maior bilheteria não hollywoodiana de 2026

Babel dos milhões

Em meio à reação fortíssima de Hollywood nas bilheterias, longas de CEP não anglo-saxônico lotam salas de projeção, afirmando sobretudo a potência chinesa nas telas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Não há dúvida de que Destin Daniel Cretton vai mudar o ranking de arrecadações do cinema mundial com "Homem-Aranha: Um Novo Dia", da mesma forma como a avassaladora marcha de Christopher Nolan com seu "A Odisseia" alterou o pódio do audiovisual, assegurando a ele o sétimo lugar nas maiores receitas do ano em duas semanas. Cada mudança dessas devolve à Hollywood uma onipotência que ela vinha perdendo desde a pandemia, a ponto de, em 2025, o maior faturamento global foi de uma animação chinesa: "Ne Zha 2 - O Renascer da Alma", que contabilizou cerca de US\$ 2,2 bilhões.

Este foi o primeiro longa não americano a entrar para o clube do bilhão, que este ano, já soma três títulos dos Estados Unidos: "Toy Story 5" (1º); "Super Mario Galaxy 2º"; e "Michael" (3º). Logo atrás do trio, a lista revela um mercado não estadunidense cada vez mais robusto, impulsionado pela Ásia (sobretudo), onde produções locais vêm mobilizando plateias gigantescas e conquistando arrecadações que rivalizam com os maiores estúdios do cinema. De janeiro para cá, 30



Divulgação



Divulgação



Divulgação

'Blades of the Guardians', um épico chinês que não cessa de faturar

'Scare Out' traz a marca autoral do premiado diretor de 'Lanternas Vermelhas', Zhang Yimou

'Dhurandhar: The Revenge' é o representante da Índia no bonde dos blockbusters

longas tornaram-se blockbusters, ou seja, passaram da raia de US\$ 100 milhões.

Desses, sete não têm o inglês como língua natal. O maior fenômeno desse bonde é "Pegasus 3", da China, que acumula US\$ 656,4 milhões. Terceiro capítulo da franquia criada por Han Han, o longa mistura automobilismo, humor e drama esportivo, mantendo o enorme apelo popular da série iniciada em 2019. O dado mais impressionante é que praticamente toda sua receita veio do mercado internacional — sobretudo da própria China —, já que apenas 0,2% da arrecadação foi registrada nos cinemas norte-americanos. O desempenho confirma a força do mercado chinês para transformar produções nacionais em sucessos globais sem depender de Hollywood. Está em sexto posto no ranking.

Também da China vem "Dear You", de Lan Hongchun, um romance dramático que alcançou US\$ 289,2 milhões exclusivamente em mercados internacionais. O filme ocupa o 13º lugar. Ele conquistou o público com uma narrativa sentimental centrada em reencontros e perdas familiares, apostando numa combinação de melodrama e apuro visual que dialoga com o grande público asiático. Sem lançamento comercial relevante nos EUA, tornou-se um dos maiores sucessos chineses do ano e reforçou a capacidade da indústria local de sustentar grandes bilheterias apenas com audiência doméstica e mercados vizinhos.

Outro destaque, em 18º lugar, também chinês, é "Blades of the Guardians", adaptação feita por Woo-Ping Yuen da popular HQ de artes marciais de Xu Xianzhe. Com US\$ 215,3 milhões arrecadados, ignorou o circuito americano, onde faturou menos de 1% de sua receita total. Apostando numa sofisticada combinação de ação, fantasia e estética inspirada na tradição wuxia, a produção consolidou-se como um dos maiores êxitos da animação chinesa recente, mostrando que o gênero continua em expansão.

A China também emplacou, em 19º lugar, "Kung Fu Soccer", com

US\$ 208,4 milhões. Inspirado na mistura de esporte e artes marciais que fez fama no cinema popular asiático, o filme aposta em partidas de futebol coreografadas como grandes cenas de ação, privilegiando o espetáculo visual e o humor. Toda sua arrecadação foi registrada fora dos Estados Unidos, confirmando o enorme alcance regional desse tipo de entretenimento e a fidelidade do público chinês às suas produções.

Outro título chinês a superar a marca dos US\$ 100 milhões foi "Scare Out", do medalhão autoral Zhang Yimou, que soma US\$ 200,3 milhões. Misturando horror sobrenatural e suspense psicológico, o longa encontrou receptividade dos espectadores asiáticos, explorando elementos do folclore local e uma atmosfera de terror bastante distinta da tradição hollywoodiana. Sem presença significativa no circuito dos EUA, provou que o gênero do horror também pode gerar blockbusters inteiramente produzidos para o mercado oriental.

Representando a Índia, em 23º lugar, "Dhurandhar: The Revenge" alcançou US\$ 152,9 milhões, tornando-se o maior sucesso internacional de Bollywood em 2026, reunindo ação, drama familiar e números musicais, elementos tradicionais da indústria indiana, em uma narrativa de vingança protagonizada por um herói disposto a enfrentar um império criminoso. Cerca de 82% da arrecadação veio de mercados internacionais, impulsionada pela diáspora indiana e pela crescente popularidade das produções do país em diversas regiões do mundo.

Em 24º lugar, aparece mais uma produção chinesa, "Boonie Bears: The Hidden Protector", que faturou US\$ 139,3 milhões. Integrante de uma das franquias de animação mais populares da China, o filme mantém a fórmula aventura + humor + conscientização ambiental para o público infantil. Assim como os demais sucessos locais, sua receita veio de mercados internacionais, evidenciando a força comercial de uma marca que há anos domina as férias escolares chinesas.

Fechando a lista, também da China, chega "The King's Warden", que ultrapassou US\$ 113,1 milhões nas bilheterias mundiais. Está em 30º lugar. Ambientado em um contexto histórico, o longa combina intrigas políticas, cenas de batalha e elementos épicos para narrar a trajetória de um guerreiro encarregado da proteção da corte imperial. Quase 97% de sua arrecadação foi obtida fora dos Estados Unidos.

Apesar das vitórias internacionais obtidas na Berlinale e de estar concorrendo ao Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, com "A Margem do Rio", o Brasil não emplacou nenhum blockbuster este ano (ou seja, não teve nada na casa do milhão. Nossa maior arrecadação, até agora é "Velhos Bandidos", com Fernanda Montenegro e Ary Fontoura, com cerca de 430 mil ingressos vendidos.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Versão brasileira nas teias da excelência

Voz oficial no Brasil de Tom Holland, o novo Homem-Aranha, Wirley Contaifer, de Caxias, vira celebridade na dublagem, renovando a potência estética de uma arte ameaçada pela IA

Embora “Homem-Aranha: Um Novo Dia” traga ninjas do Tentáculo e o Escorpião para lutar com o herói mais famoso da Marvel, qualquer nerd – ou cinéfilo escolado na trilogia de Sam Raimi, com Tobey Maguire – sabe que o maior inimigo do Escalador de Paredes é o Duende Verde. Da mesma forma, sabe-se hoje que o algoz nº 1 da dublagem nacional é a Inteligência Artificial, ou melhor, não a IA em si, mas a malversação dela por estúdios que refutam pagar um soldo digno a artistas da voz. Daí as redublagens (um crime contra o patrimônio cultural do país) com base em ferramentas digitais desumanizadas. Como todo bom super-herói, Wirley Contaifer almeja combater o Mal.

No caso dessa “maldade” capitalista que hoje acossa seu veio de trabalho, a forma que esse dublador caxiense de 35 anos encontrou para agir foi fazer jus ao jargão de seu personagem mais recorrente – e querido – nas telas, Peter Parker, o Aranha, e acreditar que “grandes poderes trazem grandes responsabilidades”. A responsabilidade dele é conjugar o verbo “dublar” na desinência estética da invenção. Filme a filme, como voz oficial no Brasil do ator inglês Tom Holland – inclusive no fenômeno “A Odisseia”, de Christopher Nolan –, esse herdeiro de uma tradição que aclamou gênios como Orlando Drummond e Mário Monjardim (Scooby-Doo e Salsicha) ganha fãs e depura um estilo singular de sincronizar labial e empolgar plateias. Cada trabalho seu mostra que a interpretação (vívica) é um eixo do ofício de nossa classe dubladora, historicamente invisibilizada.

Graças a um binômio talento + perseverança Contaifer jamais fica invisível... em sua artesanaria.

“Estar numa bancada de dublagem significa falar para o vento que vai soprar para outras florestas e para outros tempos”, diz Contaifer ao Correio da Manhã, lembrando que a perda do ator e diretor Ricardo Schnetzer, um de seus primeiros mestres, morto em fevereiro, reforçou sua percepção sobre o alcance de seu trabalho. “Quando um de nós cai, não existe reposição para aquilo que a gente assume diante do público. Por isso é preciso sempre darmos um passo a mais, um passo além.”

Sua relação com a profissão ganhou contornos quase espirituais. Contaifer costuma definir a interpretação vocal como um “estado mediúnico”, expressão que utiliza para explicar a entrega absoluta exigida por personagens tão diferentes entre si. “Já manifestei diversas formas que jamais poderiam ser eu. Não sei de onde conseguia ser humano daquela



Acervo Pessoal

Voz oficial do Homem-Aranha no Brasil, Wirley Contaifer se empenha numa cruzada moral contra o avanço das IAs no campo da dublagem

maneira. Alguém mostrou a direção primeiro. A dublagem representa absolutamente tudo para mim. É resistência.”

Muita estrela hollywoodiana ficou associada, no imaginário pop, ao gogó de dubladoras/

es, como, por exemplo, (o hoje aposentado) Bruce Willis passou décadas conectado ao melífluo falar de Newton DaMatta, titã dos estúdios Herbert Richers (e outros), morto há duas décadas. É impossível dissociar Demi

Moore de Monica Rossi e Eddie Murphy de Mario Jorge, da mesma forma como ninguém jamais verá um Liam Neeson mais devastador do que aquele dublado por Armando Tiraboschi. Como todos esses casos supracitados, Holland abraçou-se em Wirley Contaifer. Não por acaso, seu empenho encanta seus colegas de bancada.

“Wirley é um apaixonado e essa paixão se reflete na sua atuação como dublador e também como diretor de dublagem”, explica Alexandre Moreno, que dubla o Hulk em “Homem-Aranha: Um Novo Dia”. “Num mundo cada vez mais engessado, ele traz cores vivas, humanidade”.

Dublador de Maguire em quatro longas do Aranha, Manolo Rey também aplaude Contaifer, definindo-o como “um jovem ator intenso, determinado, em busca de novos desafios sempre”. “De uma voz representativa, ele luta por todos e paga seus boletos com trabalho suado, como um verdadeiro Cabeça de Teia”, brinca Manolo, evocando o apelido de Parker nas HQs.

Onipresente em nossas TVs desde o fim da década de 1970, Mario Jorge, que além de Eddie Murphy dubla sempre John Travolta, além de ter sido a voz do maguinho Gorpo, de “He-Man”, conta: “Conheço o Wirley desde muito novo. É um garoto muito esforçado e bom dublador. Merece tudo que está acontecendo com ele”.

A estreia de “Homem-Aranha: Um Novo Dia”, na última quarta-feira, marca uma evolução na carreira de Holland e na trajetória de Peter Parker nos cinemas, onde o vigilante mascarado tem sido celebridade desde 2002. Tudo indica que pode virar o maior fenômeno de bilheteria de 2026, quando o pódio de arrecadação em venda de ingresso está com “Toy Story 5”, já na raia do bilhão (de dólares) em faturamento. Evolui também a dramaturgia da Marvel no audiovisual.

“O filme ‘Um Novo Dia’ coloca um Peter da escola em estado de faculdade. Ele se gradua como herói e como ser humano, elevado pela dor”, explica Contaifer, avaliando que o longa conclui uma formação iniciada há dez anos. “É como se finalmente acessássemos aquele filme de 2002 (com Tobey Maguire de Parker) de novo, entendendo que, para este Peter atual, precisávamos acompanhar um tempo maior. Vimos o menino crescer. Agora, crescido está. “O Homem-Aranha só é o Homem-Aranha porque ele é Peter Parker. É uma grande crônica sobre a vida exaustiva de quem não desiste.”

Na era dos algoritmos e da inteligência artificial, quando a voz humana passou a ser objeto de disputas tecnológicas e jurídicas, artistas como Contaifer lembram que dublagem é memória.



Ventura, o herói quixotesco da Cabo Verde que Costa filmou em Lisboa, em longas como 'Cavalo Dinheiro', hoje na MUBI

Rugidos lusitanos para um ourives da imagem

Pouquíssimo exibido no país, com um filme só na MUBI, o diretor português Pedro Costa receberá o troféu honorário Robert Bresson no Festival de Veneza por mérito de sua ousadia

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Presença raríssima em nossas telas, representado em nosso streaming por “Cavalo Dinheiro” (Melhor Direção no Festival de Locarno, em 2014) na plataforma MUBI, o português Pedro Costa foi escolhido para receber o troféu honorário Robert Bresson, em Veneza, que acolherá a briga pelo Leão de Ouro de 2026 de 2 a 12 de setembro. Concedida pela Fundação Ente dello Spettacolo, ligada ao setor cultural da Igreja Católica, a honraria é um reconhecimento de verve ecumênica para realizadores cuja obra alia excelência artística a uma dimensão espiritual, ética e humanista quase filosófica, expressa por meio de filmes capazes de estimular reflexões sobre a condição humana.

Atribuída ao carioca Walter Salles, em 2009, a láurea, criada em 2000 e batizada em homenagem ao cineasta francês (nascido em 1901 e



Pedro Costa com o Leopardo de Ouro, seu prêmio de maior quilate até o Troféu Robert Bresson

morto em 1999), autor de clássicos das telas como “Pickpocket” (aqui, “O Batedor de Carteiraas”, lançado em 1959), “Um Condenado à Morte Escapou” (1956) e “Lancelot do Lago” (1974). Numa evocação ao ethos bressoniano, em sua empatia, o prêmio festeja miradas que driblam a alteridade ao relatar modos de vida pautados pela resiliência, assim como Costa faz com imigrantes de Cabo Verde.

Considerado um dos mais requintados estetas do nosso tempo na criação cinematográfica, o diretor luso ganhou notoriedade por longas-metragens cults como “Juventude em Marcha” (indicado à Palma de Ouro em 2006) e “No Quarto de Vanda”, laureado no festival Cinéma du Réel em 2001. Este era um dos filmes favoritos de Eduardo Coutinho (1933-2014), aclamado documentarista respon-

sável por “Edifício Master” (2002) e “Santo Forte” (1999). Com “Vitalina Varela” (2019), Costa conquistou o Leopardo de Ouro de Locarno, subindo degraus no Olimpo da autoralidade fílmica.

Sua Passárgada se chama Fontainhas, bairro da periferia de Lisboa alvejado pela gentrificação e por intervenções estatais onde ambienta suas tramas, oferecendo a suas plateias um estudo sobre a resiliência

dos desterrados d’África no Velho Mundo. “A urgência é má conselheira. Filmo como uma equipe muito reduzida, com quatro pessoas por trás das câmeras, para que meu elenco de não atores tenha as melhores condições de criar. Não se deve ser urgente, no cinema, nem no documentário, formato que aspira a ter um contato mais terra a terra com a realidade”, disse o diretor ao Correio da Manhã em sua passagem pelo Rio, meses antes de começar a pandemia. “Estudando as pessoas de Cabo Verde, que tanto me deram e tanto me dão, há tantos anos, tive a percepção de que existem mulheres sentinelas, à olhar para o mar, à espera, sem resposta. Vitalina é uma delas. Existem muitas”.

Desde sua criação, em 2000, o Prêmio Robert Bresson distinguiu expoentes do cinema de autor mundial, como Walter Salles, no tempo em que lançou “Diários de Motocicleta” (2004) e “Linha de Passe”, de 2008 (rodado em duo com Daniela Thomas). A lista de premiados abriu com Giuseppe Tornatore (2000), seguindo com Manoel de Oliveira (2001), Theo Angelopoulos (2002 e 2003), Wim Wenders (2004), Jerzy Stuhr (2005), Zhang Yimou (2006), Alexander Sokurov (2007), Krzysztof Zanussi (2008), Wálinho (2009), Mahamat-Saleh Haroun (2010), os irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne (2011), Ken Loach (2012), Amos Gitai (2013), Carlo Verdone (2014), Mohsen Makhmalbaf (2015), Andrey Zvyagintsev (2016), Gianni Amelio (2017), Liliana Cavani (2018), Jacques Perrin (2019), Lucrecia Martel (2020), Alice Rohrwacher (2021), Hirokazu Kore-eda (2022), Mario Martone (2023), Marco Bellocchio (2024), Eugène Green (homenagem especial pelos 25 anos do prêmio, em 2024) e Stéphanie Brizé (2025).

Em 2021, Costa lançou o livro “Vitalina Varela - Cadernos de Rodagem”, no qual faz um balanço de seu método de trabalho, reunindo fotografias tiradas nos subúrbios de Lisboa e na ilha de Santiago, Cabo Verde, entre 2017 e 2019. “Existem pessoas com um viver muito rico que vieram d’África para se reinventarem em solo português. E é delas que eu falo, em planos que distendem uma percepção mais comercial do tempo”, disse o cineasta, cujo filme mais recente é “As Filhas do Fogo”, um curta-metragem lançado em Cannes em 2023.

O Festival de Veneza abre suas atividades com “Ink”, de Danny Boyle. Ambientado em 1969, o longa acompanha a ascensão do magnata Rupert Murdoch, interpretado por Guy Pearce, e a transformação do tabloide “The Sun” num fenômeno editorial. Jack O’Connell, Claire Foy e outros nomes britânicos completam o elenco. O Brasil é coprodutor de um dos concorrentes: “Retorno a Buenos Aires”, do chileno (de ascendência italiana) Marco Bechis.

Um Grande Otelo que olha para os gringos

Troféu da Academia Brasileira de Cinema celebra a potência de 'nuestros hermanos' e do audiovisual luso com sua categoria ibero-americana, cujos concorrentes estão em streaming

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Terça-feira é dia de Prêmio Grande Otelo, o Oscar nacional, concedido há um quarto de século pela Academia Brasileira de Cinema. A festa, comandada pelas atrizes Marieta Severo e Silvia Buarque (mãe e filha), será realizada no Theatro Municipal, a partir das 20h15, com transmissão pelo Canal Brasil. Indicado a quatro Oscars, "O Agente Secreto" é o recordista de indicações (18 ao todo), seguido por "Homem com H", que disputa em 13 Frentes. "Manas", "O Último Azul" e "O Filho de Mil Homens" também chegam com força nessa festa, que assegura um quinhão de seus holofotes para o que vem do estrangeiro.

A produção ibero-americana também tem sua vez. Estarão no Rio para o evento a atriz Camila Plaate, protagonista do concorrente argentino "Belén"; o ator Matías Francisco Catalán Celis, representante do chileno "O Olhar Misterioso do Flamingo"; o produtor Manuel Arturo Ruiz Montealegre, do colombiano "Um Poeta"; a produtora Tanya Maria Valette Castillo, que defenderá a dominicana "Pepe"; e o ator Jonathan Guilherme, por "O Riso e a Faca", produção Brasil x Portugal dirigida pelo lisboeta Pedro Pinho. Conhecê-los melhor é um veio de entender como a Academia pensa nuestros hermanos e patrícos. Todos estão já em streaming.

Vencedor da mostra Un Certain Regard no Festival de Cannes de 2025, o candidato do Chile, cujo título original é "La Misteriosa Mirada del Flamenco", foi dirigido por Diego Céspedes. Pode ser visto no streaming do Telecine e na Amazon. Sua trama recua até 1982, numa cidade mineira isolada no deserto chileno, onde a pequena Lidia, de 11 anos, vive sob a proteção de artistas trans e travestis que gerem um cabaré local. Quando



Dolores Fonzi estrea e dirige 'Belén', projetado na disputa pela Concha de Ouro de 2025



Passado de opressões coloniais é exorcizado em 'O Riso e a Faca'



'O Olhar Misterioso do Flamingo' recua a 1982, numa cidade do deserto chileno



Em 'Pepe' o hipopótamo do narcotráfico incomoda muita gente



Ubeimar Rios é um aspirante a Carlos Drummond que faz da poesia um sonho... afogado em álcool em 'Um Poeta'

uma doença desconhecida começa a espalhar-se entre os mineiros que frequentam clandestinamente o espaço, instala-se um clima de histeria coletiva alimentado pela homofobia e pela transfobia. Corre o rumor de que o contágio acontece através de um simples olhar. Sua diva, Flamingo, figura maternal interpretada por Matías Catalán, tenta proteger Lidia de um mundo cada vez mais hostil.

"Um Poeta" só chegou aqui online, na HBO Max. A direção é de Simón Mesa Soto. Nessa trama coroada com o Prêmio do Júri da mostra Un Certain Regard de Cannes e com o prêmio Horizontes Latinos do Festival de San Sebastián, o trovador Oscar (interpretado com fluidez por Ubeimar Rios, um ator não-profissional) teve a chance de lançar dois livros e de dar aulas, o que, nem de longe, aplaca seu apetite por prestígio. Sua pátria, a mesma de Gabriel García Márquez, viu brotar muitos faróis na literatura. Oscar almeja ser um. Se bebesse menos, era mais fácil chegar lá e não estaria, já quarentão, à mercê do quarto que tem na casa da mãe, rejeitado pela filha adolescente. O verbo "desistir" é imposto pela vida a Oscar como um norte inescapável. A crença de que o poema pode levar quem escreve e quem lê à transcendência o leva a uma jovem, Yurlady (Rebeca Andrade), que demonstra um talento

nato para metáforas. Na Medellín filmada por Mesa Soto numa fronteira tênue do naturalismo, a relação entre eles expõe crises culturais disfarçadas de assistencialismo e de capitalização da miséria (alheia).

Na grade da Amazon Prime Video, "Belén", de Dolores Fonzi, foi o longa mais festejado dos concorrentes à Concha de Ouro de San Sebastián, de onde saiu com a láurea de Melhor Interpretação Coadjuvante para Camila Plaate. A trama decorre em Tucumán, na Argentina, em 2014. Numa noite, uma jovem (Plaate) dá entrada num hospital com fortes dores abdominais, sem saber que está grávida. Acorda algemada à maca e cercada por policiais. É acusada de ter provocado um aborto e, após 24 meses em prisão preventiva, é condenada a oito anos de prisão por homicídio qualificado devido ao vínculo familiar. Uma advogada de Tucumán (interpretada com ardor por Fonzi) lutará pela sua liberdade com o apoio de milhares de mulheres e organizações.

Trazido até nós pela plataforma digital MUBI, "Pepe", de Nelson Carlo De Los Santos Arias, foi indicado ao Urso de Ouro, há dois anos. Essa produção da República Dominicana conjuga (e bem) documentário e ficção, num espírito anticolonial nas raízes do fantástico. Seu enredo é inspirado na figura de um hipopótamo adotado por Pablo Escobar, Pepe, que foi trazido da África para a Colômbia e, mais tarde, tornou-se um símbolo de desrespeito ecológico devido à controvérsia em torno de sua morte. Seu realizador ganhou o prêmio de Direção na Berlinale.

Disponível para aluguel ou compra na Prime Video, com suas 3h37 minutos, "O Riso e a Faca" nasceu em Cannes, em 2025, onde foi rotulado como "épico da lusofonia". Uma segunda coroa veio da Croisette: a láurea de Melhor Interpretação, dada à atriz Cleo Diára. A revista "Cahiers du Cinéma", encarada como Bíblia pela cinefilia, elegeu o longa-metragem do lisboeta Pedro Pinho (que teve a carioca Tatiana Leite como um fator de X, ou seja, um fator central, em sua equação de produção) para sua lista dos Dez Melhores do ano passado. São 211 minutos de reflexões sobre raízes e êxodos, desenraizamento e pertença. Tem ecos d'África(s), do nosso Brasil e da "terrinha", a pátria de Pinho, numa jornada que fala de origens e de futuros possíveis para povos que, unidos por uma língua, precisam superar os ranços do pacto colonial. Cleo e Jonathan foram um triângulo de perseverança na trama com Sérgio (Sergio Coragem), europeu que parte para um canto da África para trabalhar como engenheiro ambiental para uma ONG, na construção de uma estrada entre o deserto e a selva. À medida que adentra nas dinâmicas neocoloniais d'expatriados, a dramaturgia gravita entre a solidão e a barbárie.

Se não entendeu, ele desenha

Jornalista e escritor Marco Antônio Barbosa lança o e-book ‘Polarização para Dummies’, um guia rápido e divertido para explicar as forças em disputa no tabuleiro político brasileiro

AFFONSO NUNES

Estamos em ano de eleições presidenciais e, mais uma vez, a sociedade brasileira de vê diante de um quadro de polarização política. Mas o que de fato é essa polarização, como surgiu e qual sua dinâmica? Inspirado numa consagrada série editorial, o jornalista e escritor Marco Antonio Barbosa acaba de lançar o e-book “Polarização para Dummies”, um guia eletrônico que se propõe a explicar, conforme as palavras do autor, “tintim por tintim, como se cultiva a polarização ideológica no Brasil dos dias atuais”.

Utilizando uma abordagem que mescla humor ácido e ilustrações didáticas de sua própria autoria, Barbosa busca oferecer uma saída para o cidadão que se sente confuso com o bate-boca eterno nas redes sociais e que já não consegue discernir quem está certo ou errado nas discussões sobre os grandes dilemas da sociedade. E Barbosa inicia a obra pedindo licença para discordar da visão binária que satura os noticiários. Para ele, os polos em disputa não são dois, mas quatro — progressista, conservador, reacionário e isentão —, cada um desempenhando um papel específico na manutenção de um cenário que, segundo ele, está “longe de ser esse preto-no-branco pintado por jornalistas e cientistas políticos”. Essa simplificação seria uma das engrenagens que mantém o país em paralisia analítica. A pola-

rização, defende ele, “um fenômeno fabricado de modo a favorecer um status quo conservador”.

Ao aprofundar a análise, Barbosa faz uma distinção que considera crucial. O “suposto radicalismo de um dos polos — o progressista — nem se compara ao radicalismo (comprovado) do polo reacionário”. Enquanto o polo progressista é descrito como uma “moderadíssima esquerda” que busca retomar o diálogo e unir a sociedade, o reacionário, associado à extrema direita, prega abertamente “golpe, morte,

destruição e ódio”. As parcelas conservadoras, ao alimentar uma falsa equivalência entre essas duas forças, tentariam nivelar uma postura de diálogo com uma retórica de violência — manobra que serviria para deslegitimar pautas progressistas, tratando-as como ameaça equivalente aos impulsos autoritários da extrema direita.

Um dos trechos mais provocativos do livro aborda o comportamento do polo conservador e dos “isentões” em momentos de crise. É muito comum, explica Barbo-

sa, que conservadores e isentões se unam aos reacionários para isolar os progressistas, gerando um desequilíbrio profundo na polarização que se vê na superfície. Diante de situações que a mídia costuma classificar como “escolhas muito difíceis”, os conservadores invariavelmente optam por se alinhar aos reacionários em vez de buscar convergência com os progressistas. Essa aliança tática, para o autor, é o que realmente define os rumos da política brasileira.

Barbosa também dedica crítica feroz aos “inteligentões e inteligentinhos de centro”, identificados como principais defensores da narrativa da “eterna crise institucional”. Para esses especialistas, o Brasil só avançaria com um nome “novo”, capaz de superar o radicalismo de Lula e Bolsonaro por uma terceira via. O autor classifica a proposta como a “falácia da terceira via, que de ‘centro’ tem nada”. Questionado sobre se existe espaço para um centro real, Barbosa não hesita: “Existe. Ou deveria existir. Há muita gente cansada e desencantada com a política e com as instituições, e que se sentiria representada por um nome mais claramente de centro. Mas aí

you vê o que tem sido apresentado como terceira via: Tarcísio? Ronaldo Caiado? Romeu Zema? Todos eram bolsonaristas até anteontem, o Tarcísio ainda é. A terceira via é uma construção do sistema para vender um retorno da direita. E direita não é centro. Especialmente uma direita que promete, antes de mais nada, anistiar golpistas.”

Diante desse quadro, como descontruir a fabricação da polarização? “A tese do meu livro é a seguinte: polarização é um efeito natural do debate democrático. No entanto, o establishment conservador passou a vender a ideia de que toda polarização é negativa. Não é. Mas vende-se um discurso fabricado igualando os dois polos no extremismo. Isso se dá porque, entre Lula e Bolsonaro, o establishment — que direciona a opinião pública — sempre vai preferir o segundo, mesmo com reservas”, opina o autor. O remédio, segundo o autor, é antes de tudo perceptivo. “O cidadão precisa, acima de tudo, abrir bem olhos e ouvidos. Toda postagem de mídia social, toda coluna de jornal, toda opinião veiculada na TV têm um subtexto. Os ‘especialistas’ se vendem como isentos e racionais, mas cada um deles segue uma agenda. Antes de compartilhar alguma informação ou se engajar em mais um debate inútil, entenda bem quem está falando, o que está sendo falado, qual é o envolvimento da pessoa com a ideologia sendo propagada. Aí é possível identificar qual debate vale a pena travar, e qual deve ser ignorado”, aconselha.

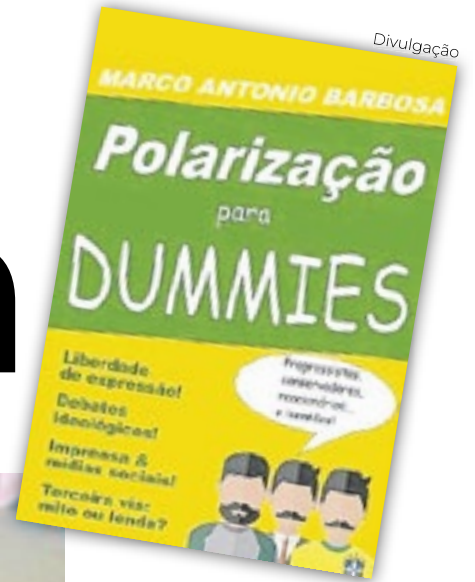
A trajetória de Marco Antônio Barbosa como analista da cena brasileira é longa. Ele assina obras como “Velha Nova Era”, que compila escritos sobre política, sociedade e mídia produzidos entre 2007 e 2019, e o satírico “Fear & Loathing in Londrina”, que reimagina a estética de Hunter S. Thompson no Brasil bolsonarista. O novo e-book atualiza textos publicados originalmente em seu blog no Medium em 2022, agora com ilustrações inéditas e um capítulo de conclusão. Com o tom desafiador de quem pergunta “entendeu ou quer que eu desenh?”

Barbosa oferece o livro na Amazon por um valor simbólico, mantendo gratuidade em PDF para os assinantes de sua newsletter no Substack, onde semanalmente compartilha reflexões sobre cultura, inovação e o mundo corporativo para mais de 5 mil leitores.

Acervo pessoal



Marco Antônio Barbosa reuniu artigos sobre a realidade brasileira contemporânea para consolidar sua visão sobre a polarização política no país



SEXTOU! SAMPÁ

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

Samba 90 com Netinho de Paula, Chrigor, Marcio Art e Doce Encontro

✳O projeto Samba 90 chega ao Espaço Unimed, na Barra Funda, nesta sexta-feira (31), reunindo três nomes que marcaram o pagode dos anos 1990: Netinho de Paula, Chrigor e Márcio Art. O grupo Doce Encontro faz a apresentação de abertura. O espetáculo começa às 21h, com abertura da casa às 19h, e promete revisitar sucessos que marcaram época, como Pimpolho, Temporal, Telegrama e Me Apaixonei pela Pessoa Errada. O show celebra mais de três décadas de carreira dos artistas e deve ter cerca de três horas de duração. O Espaço Unimed fica na Rua Tagipuru, 795, na Barra Funda. A classificação etária é de 18 anos, e menores só podem entrar acompanhados dos pais ou responsáveis.

Vozes da Aliança Apresenta Padre Fábio de Melo

✳O padre Fábio de Melo será a principal atração do evento “Vozes da Aliança”, que acontece no sábado (1º), na Expo Barra Funda, na zona oeste da capital paulista. A iniciativa marca o lançamento de um projeto da Aliança de Misericórdia que pretende reunir artistas da música católica em apresentações beneficentes. A programação começa às 18h, com abertura dos portões. A cantora Danúbia faz o show de abertura às 20h, e Padre Fábio de Melo sobe ao palco às 21h. Parte da arrecadação será destinada às ações sociais desenvolvidas pela entidade. O evento também oferece a modalidade de ingresso solidário, que dá desconto mediante a doação de 1 kg de alimento não perecível.

Concerto Candlelight homenagem a Coldplay e Imagine Dragons

✳O Mosteiro de São Bento, no centro da capital paulista, recebe no dia 1º de agosto mais uma edição da série Candlelight, que transforma espaços históricos em cenários para apresentações à luz de velas. O concerto presta homenagem às bandas Coldplay e Imagine Dragons, com interpretações instrumentais executadas por um quarteto de cordas. O repertório reúne muitos sucessos como Viva la Vida, Fix You, Radioactive e Believer, em arranjos de música clássica. A apresentação tem cerca de 60



Divulgação

Padre Fábio de Melo se apresenta em show na capital

Xuxa apresenta o Último Voo da Nave no Nubank Parque

Blad Meneghel/Divulgação

minutos de duração e integra a programação da plataforma Fever, conhecida por promover concertos em locais de valor arquitetônico e histórico. Os ingressos para o concerto estão disponíveis pela internet, sujeitos à disponibilidade.

Péricles faz show no Terra SP neste sábado

✳O cantor Péricles se apresenta no Terra SP, na zona sul da capital paulista, neste sábado (1º), em mais uma edição da programação dedicada ao pagode. A noite também terá show do grupo Na Hora H. A abertura da casa está prevista para as 23h, e o evento é destinado ao público maior de 18 anos. Reconhecido como um dos principais nomes do gênero, Péricles deve apresentar sucessos da carreira solo e músicas que marcaram sua

trajetória no Exaltasamba. O Terra SP, localizado na Avenida Salim Antônio Curiati, conta com estrutura acessível para pessoas com deficiência. Os ingressos estão à venda pela internet, sujeitos à disponibilidade.

XUXA

✳A apresentadora e cantora, Rainha dos baixinhos, Xuxa Meneghel se apresenta nesta sexta-feira (31), às 20h, no Nubank Parque, em São Paulo, com o espetáculo “O Último Voo da Nave”. A turnê marca o retorno da artista aos grandes palcos e reúne sucessos que atravessaram diferentes fases de sua carreira, incluindo músicas dos programas Xou da Xuxa, Xuxa Park, Planeta Xuxa e da série Xuxa Só Para Baixinhos. A produção conta com cenários inéditos, projeções, efeitos

visuais e a tradicional nave que marcou a trajetória da artista na televisão. Os ingressos estão à venda pela Eventim, com opções de diferentes setores e valores conforme a disponibilidade de cada lugar.

EXPOSIÇÃO

COM AMOR, ALCIONE

✳A trajetória da cantora Alcione, mais conhecida como Marrom, é celebrada na exposição Com Amor, Alcione, em cartaz no Museu das Favelas. A mostra reúne mais de 650 itens do acervo pessoal da cantora, entre figurinos, fotografias, discos, prêmios, vídeos e objetos que revisitam seus mais de 50 anos de carreira. o Museu das Favelas fica no Largo Páteo do Colégio, 148, no Campos Elíseos. Exposição até 6 de dezembro. Entrada gratuita.

TEATRO

BRUTAL

✳O Teatro Cemitério de Automóveis recebe a peça Brutal. A produção tem o texto de Mário Bortolotto, que foi escrito em 2002. A peça tem uma montagem que acompanha a história de Estevão, personagem líder da seita fictícia Legião do Amor, que conquista jovens em situação de vulnerabilidade ao afirmar manter contato com Deus por meio da natureza. Com o tempo, o carisma do personagem dá lugar a uma face autoritária e extremamente perigosa. O Teatro Cemitério de Automóveis fica na Rua Franciscina Miquelina, 155, no bairro da Bela Vista. A produção segue em cartaz Sex. e sáb., às 21h; dom., às 20h. Em cartaz até o dia 19 de agosto. Ingressos custam R\$ 50 no Sympla. Classificação: 16 anos.

SEXTOU! CAMPINAS

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

MÚSICA

ORQUESTRA DE AMERICANA

✱ A Orquestra Sinfônica Municipal de Americana se apresenta nesta sexta-feira (31), às 20h, no Teatro Lulu Benencase, com regência do alemão Knut Andreas e participação do clarinetista Eduardo Freitas. A entrada é solidária, com doação de shampoo ou sabonete infantil.

VICTOR MARCELLUS 72

✱ O músico campineiro Victor Marcellus lança seu novo álbum em disco de vinil, dando continuidade ao projeto iniciado em 2024 e reunindo participações de grandes nomes do rock nacional. O lançamento será no sábado (1º), às 15h30, no Donna Maria – Gastronomia Urbana, no Cambuí, em Campinas. A entrada é gratuita.

PETISCO MUSICAL

✱ Sousas e Joaquim Egídio recebem, nos dias 30 e 31 de julho, mais uma edição do Petisco Musical. O projeto da Prefeitura de Campinas une apresentações musicais gratuitas e cardápios promocionais em bares e restaurantes dos distritos. A programação acontece das 19h às 21h30 e busca valorizar a gastronomia, a cultura e o turismo local.

VIVA SÃO ROQUE

✱ O Viva São Roque começa neste sábado (1º), no Recanto da Cascata, com entrada gratuita e programação especial pelos 369 anos da cidade. A abertura terá show da Banda Malta, às 21h. Até 16 de agosto, o festival reúne atrações nacionais, como Di Ferrero (7/8) e Toni Garrido (8/8), além de artistas da região, praça de alimentação, expositores, artesanato e atividades para toda a família.

TEATRO

GALA CONCERT

✱ O Teatro Municipal José de Castro Mendes recebe o espetáculo Gala Concert com Oksana Bondareva – The Moscow Ballet, que traz ao Brasil um elenco com oito solistas europeus e um repertório inédito com clássicos do ballet. A apresentação celebra a nova turnê da companhia, aberta para todas as idades. Os ingressos estão à venda pela plataforma Sympla e na bilheteria do teatro.

CARAVANA ROLIDAY

✱ A Semana Cultural de agosto



Caio Gallucci

Musical “Território do Amor” em cartaz em Campinas



Banda Malta abre o festival Viva São Roque neste sábado (1)



Adriano Rosa

Victor Marcellus e Lecão Arroyo com os vinis 70 e 72

em Hortolândia começa neste sábado (1º) com o espetáculo circense “Caravana Roliday”, da Cia. Tomara que Não Chova. A apresentação será às 20h, no Teatro Elizabeth Keller de Matos, com entrada gratuita e classificação livre. A programação segue até 9 de agosto com atrações culturais para toda a família.

TERRITÓRIO DO AMOR

✱ O musical “Território do Amor” está em cartaz no Centro de Convivência Cultural Carlos Gomes, em Campinas, até 2 de agosto. Inspirado em grandes vozes femininas da música mundial, o espetáculo tem texto de Gabriel Chalita e direção de José Possi Neto, reunindo música, emoção e clássicos inesquecíveis. Ingressos disponíveis no Sympla.

LAZER

LEITURA INFANTIL

✱ A Biblioteca Pública Antônio Modanesi, em Indaiatuba, promove programação gratuita para crianças e famílias durante o mês de agosto. As atividades acontecem aos sábados, às 11h, com contação de histórias e oficina de marcadores de página.

BEER BURGER FUN FEST

✱ A Praça Arautos da Paz, em Campinas, recebe até domingo (2) o Beer Burger Fun Fest. Com entrada gratuita, o evento terá hambúrgueres artesanais, chopes especiais e shows com tributos a bandas como Linkin Park, Charlie Brown Jr., O Rappa, Natiruts, Paramore e Foo Fighters. A programação acontece na sexta, das 18h às 22h, e no sábado e domingo,

das 12h às 22h.

DOCES TROCAS

✱ O CIS Guanabara recebe neste sábado (1º), às 16h, a oficina gratuita “Doces Trocas: Sabores Saudáveis para um Futuro Melhor”. A atividade reúne culinária, brincadeiras e teatro para incentivar hábitos alimentares saudáveis entre crianças e famílias. As vagas são limitadas e as inscrições devem ser feitas antecipadamente.

SALTO INICIANTE

✱ O Campeonato Brasileiro de Salto Iniciante 2026 será realizado entre 30 de julho e 2 de agosto, no Haras Cooper, em Campinas. A competição reunirá cavaleiros e amazonas de diversas categorias, seguindo as regras da Confederação Brasileira de Hipismo, e defini-

rá os campeões nacionais da temporada.

FESTA DO MORANGO

✱ Jundiaí recebe neste fim de semana a Festa do Morango – Edição Pudim, no estacionamento do Carrefour. Com entrada gratuita, o festival reúne sobremesas criativas, praça de alimentação, shows ao vivo e atrações para toda a família. O evento também arrecada alimentos para instituições assistenciais da cidade.

LEIA PESSOAS NEGRAS

✱ Indaiatuba recebe neste sábado (1º), às 14h, o primeiro encontro do Clube de Leitura “Leia Pessoas Negras”, na Biblioteca Pública Antônio Modanesi. Terá como base a obra Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil. A participação é gratuita.

CORREIO CULTURAL

MOARA SEMEGHINI

Fabio Ponce/Divulgação



Orquestra Brasileira de Musica Jamaicana no Sesc Campinas

Orquestra Jamaicana e Blues Etílicos no Sesc

A turnê de 40 anos do Blues Etílicos e o espetáculo Cine OBMJ, da Orquestra Brasileira de Música Jamaicana, são os destaques da programação no Jardim do Galpão, do Sesc Campinas no início de agosto. A OBMJ abre a agenda na sexta-feira (31), às 20h, com releituras em reggae e ska de trilhas marcantes do cinema e da TV. No sábado (1º), às 19h, o Blues Etílicos apresenta um repertório que percorre

quatro décadas de carreira. A programação terá ainda a intervenção circense e musical A Sanfonástica Mulher-Lona, domingo (2), às 16h; a exibição do documentário Milton Bituca Nascimento e o início do curso sobre literaturas africanas de língua portuguesa, na terça (4), às 19h30; e o recital do pianista Hércules Gomes, na quinta (6), às 20h, com composições inspiradas em ritmos brasileiros.

Cortejo musical em Barão

O Espaço Núcleo Cupinzeiro promove neste sábado (1º), às 9h30, um cortejo artístico até o Ecoponto de Barão Geraldo, em Campinas. Aberta ao público, a caminhada de cerca de um quilômetro une música, cidadania e conscientização ambiental. Durante o percurso, os participantes recolherão resíduos, distribuirão panfletos sobre descarte correto de lixo e coleta seletiva e, ao final, prestarão uma homenagem musical aos trabalhadores do Ecoponto. A programação inclui campanha de arrecadação de óleo de cozinha para a Casa de Repouso Bom Pastor.

Toquinho, dia 8

Toquinho apresenta a turnê “Só Tenho Tempo Pra Ser Feliz” no Multi Arena Campinas, em Sousas, em 8 de agosto, celebrando 60 anos de carreira. O show reúne clássicos da MPB, homenagens a Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Os ingressos estão disponíveis no site do Multi Arena.

Arraiá fora de época

O Instituto Vivarte realiza, em 22 de agosto, das 16h às 22h, o Arraiá Fora de Época, com apresentações de balé, hip hop, jazz, teatro e exposição de desenhos. O evento terá comidas típicas e atrações para a família, celebrando a cultura popular e a produção artística do instituto.

Conceição Evaristo em bate-papo gratuito

A escritora Conceição Evaristo ministra uma aula aberta na Unicamp no dia 6 de agosto, às 18h, na Comvest (Rua Josué de Castro, 120, no campus em Barão Geraldo, Campinas). O evento, gratuito e com transmissão pela TV Unicamp no YouTube, integra as comemorações dos 40 anos do Vestibular. Evaristo é uma das principais vozes da literatura afro-brasileira contemporânea.



Fernando Frazão/Agência Brasil



Divulgação/Andrey Lyapin

Oksana Bondareva em trecho do espetáculo ‘Gala Concert’, do The Moscow Ballet

The Moscow Ballet

apresenta Gala Concert

no Castro Mendes

Espectáculo é liderado pela premiada bailarina Oksana Bondareva e oito solistas internacionais

DA REDAÇÃO

A consagrada companhia The Moscow Ballet apresenta o espetáculo Gala Concert no Teatro Municipal José de Castro Mendes, em Campinas, nos dias 1º e 2 de agosto. As apresentações fazem parte da turnê brasileira do grupo, que percorre 22 cidades entre 20 de julho e 25 de agosto. O elenco é liderado pela primeira bailarina Oksana Bondareva e reúne bailarinos de companhias europeias em um repertório inspirado em grandes clássicos da dança.

Após conquistar o público brasileiro e receber ampla aprovação da crítica durante a temporada de 2025, a companhia voltou ao País neste ano para uma nova série de apresentações, iniciada em 20 de julho.

A montagem traz um programa preparado especialmente para o público brasileiro, reunindo trechos e variações inspirados em alguns dos mais importantes clássicos do balé. Ao longo da apresentação, o repertório percorre diferentes períodos da história da dança, destacando obras que ajudaram a consolidar a tradição da escola clássica.

À frente do espetáculo está a primeira bailarina Oksana Bondareva, vencedora do Prêmio Capri 2025, reconhecimento dedicado à dança clássica europeia. Ela divide o palco com oito solistas internacionais, entre eles primeiros bailarinos de companhias europeias formados em tradicionais escolas



Divulgação/Andrey Lyapin

The Moscow Ballet apresenta Gala Concert em Campinas

de balé do continente.

A edição de 2026 reúne momentos marcantes de obras como A Bela Adormecida, O Lago dos Cisnes, Raymonda, O Corsário, Carnaval em Veneza e La Sylphide. O programa combina passagens de grande exigência técnica com interpretações que evidenciam diferentes estilos e tradições do balé.

“Os espectadores poderão mergulhar na era de ouro do balé. Será uma viagem no tempo através da dança, sem limites para a imaginação”, afirma Oksana Bondareva, que assina a direção artística do espetáculo ao lado de Andrey Lyapin.

Entre os destaques da apresentação estão os tradicionais pas de deux, duetos considerados algumas das peças mais desafiadoras do repertório clássico. Neles, os bailarinos executam saltos, giros e movimentos de alta precisão técnica, em coreografias que, em alguns momentos, incorporam elementos acrobáticos.

Embora seja estruturado em

números independentes, o espetáculo mantém unidade artística ao conduzir o público por diferentes atmosferas e emoções, alternando momentos de delicadeza, dramaticidade e virtuosismo.

A nova temporada marca o retorno da companhia ao Brasil após a recepção positiva da turnê realizada em 2025. Segundo Oksana Bondareva, a resposta do público brasileiro foi determinante para a volta do grupo ao país.

“O Brasil é um dos poucos países onde a emoção é demonstrada de forma tão intensa. As pessoas fazem questão de agradecer, e isso nos toca profundamente. Esse carinho é um grande incentivo para nós”, diz a bailarina.

Com apresentações voltadas tanto ao público habituado ao balé quanto a novos espectadores, o Gala Concert busca aproximar diferentes gerações da tradição da dança clássica por meio de um repertório que reúne alguns dos títulos mais conhecidos do gênero.

Festival Dança em Trânsito

retorna ao Centro Cultural FIESP

Festival gratuito reúne apresentações brasileiras e de outros países na capital paulista

POR REDAÇÃO

Depois de mais de duas décadas promovendo encontros entre artistas de diferentes culturas, a 24ª edição do Festival Dança em Trânsito volta a ocupar o Centro Cultural FIESP, em São Paulo, com uma nova programação gratuita dedicada à dança contemporânea. Neste primeiro fim de semana de agosto, 1º e 2, o público poderá acompanhar apresentações de companhias e criadores brasileiros e internacionais que transformam a Avenida Paulista em um grande espaço de circulação artística, reforçando a proposta do festival de aproximar diferentes linguagens, territórios e formas de criação.

Criado em 2002 pelo Espaço Tápias, referência na formação, pesquisa e intercâmbio em dança, o festival consolidou-se como uma das principais plataformas de circulação da dança contemporânea no Brasil. Sob direção artística e curadoria de Giselle Tápias e Flávia Tápias, o projeto percorre dezenas de cidades brasileiras promovendo apresentações, residências artísticas e ações formativas que estimulam o diálogo entre artistas nacionais e internacionais.

Integrante da rede Ciudades Que Danzan, que conecta festivais e cidades ao redor do mundo dedicados à difusão da dança contemporânea, o Dança em Trânsito mantém como essência a ocupação de teatros, espaços públicos e centros culturais, ampliando o acesso do público à arte do movimento e incentivando a criação colaborativa.

Para Giselle Tápias, diretora artística e curadora do festival, a edição de 2026 amplia esse compromisso ao fortalecer o intercâmbio entre artistas brasileiros e profissionais de diferentes países.

“Em 2026, o Dança em Trânsito reforça um dos eixos centrais de sua atuação: a internacionalização da dança brasileira. Além da programação artística, convidamos curadores, programadores e diretores de importantes festivais internacionais para conhecerem de perto a produção contemporânea brasileira. Parte desses profissionais acompanhará a programação em São Paulo e, em seguida, seguirá para o Rio de



Good Vibes Only - Francesca Santamaria (Roma)



“Cinzas com Sol”, de Raquel Botafogo

Janeiro, onde a plataforma Cena Brasil reunirá um grupo ainda maior de convidados internacionais para encontros, debates e apresentações. Nosso objetivo é criar oportunidades concretas de intercâmbio, circulação e futuras colaborações para os artistas brasileiros. Também teremos a presença de Salia Sanou, que realizará uma residência artística e uma oficina voltada aos profes-

sionais da dança, fortalecendo os processos de formação e criação. Queremos ir além da apresentação de espetáculos e construir pontes entre a produção brasileira e o cenário internacional.”

Cena Brasil

A etapa paulista marca também o início da plataforma Cena Brasil, iniciativa integrada ao Festival Dança em Trânsito voltada

“Em 2026, o Dança em Trânsito reforça um dos eixos centrais de sua atuação: a internacionalização da dança brasileira”

GISELLE TÁPIAS,
DIRETORA ARTÍSTICA DO
FESTIVAL

à promoção da dança brasileira no exterior. É em São Paulo que três dos oito programadores e diretores de festivais convidados começam a acompanhar a programação do festival: Francesca Pedroni Massaioli, diretora artística do MOZAIKODANZA e do INTERPLAY International Contemporary Dance Festival (Itália); Bernard Baumgarten, diretor artístico da TROIS C-L

| Maison pour la danse (Luxemburgo); e Iztok Kovac, fundador da EN-KNAP Productions e diretor artístico do Španski Borci Cultural Centre (Eslovênia). Após a passagem pela capital paulista, eles seguem para o Rio de Janeiro, onde se unem aos demais convidados da plataforma Cena Brasil, ampliando as oportunidades de intercâmbio, circulação e futuras parcerias para artistas e companhias brasileiras.

Esse intercâmbio se traduz também na programação da etapa paulista, que reúne artistas do Brasil, Burkina Faso, Itália, Colômbia e Luxemburgo ocupando diferentes espaços do Centro Cultural FIESP. No sábado (1º), a Esplanada da FIESP recebe “Ekesa Sanko”, de Dilo Paulo, artista radicado em Brasília. Ao longo da tarde, o público acompanha ainda “Cinzas com Sol”, de Raquel Botafogo, a criação “3 Coreógrafos e 1 Corpo – Vinte Anos Depois”, “Good Vibes Only”, da italiana Francesca Santamaria, e “Trois Fois Seul”, do coreógrafo burquinense Salia Sanou.

No domingo (2), a programação reúne “Só”, de Frantielly Khadija, “Pedra Pulmão”, de Vitor Hamamoto, “Em Suas Marcas”, da Companhia Corpus Entre Mundos, “Antrópodes”, de Fabio Costa e Lu Lanza, além de “Mega Structure”, criada por Sarah Baltzinger e Isaiah Wilson, de Luxemburgo. Um dos momentos mais aguardados será a apresentação do resultado da residência artística conduzida por Salia Sanou, reunindo artistas brasileiros em uma criação desenvolvida ao longo da semana.

Outro destaque é a intervenção realizada em parceria com o Quinteto Bachiana, concebida por Flávia Tápias, Dilo Costa e Fabio Costa, aproximando música e dança em uma performance criada especialmente para o espaço aberto da Avenida Paulista.

Mais do que apresentar espetáculos, o Festival Dança em Trânsito reafirma sua vocação como plataforma de intercâmbio, formação e circulação artística. Ao conectar criadores de diferentes países e aproximar a dança contemporânea do cotidiano das cidades, o projeto amplia o diálogo entre culturas, estimula novas parcerias e fortalece a presença da produção brasileira no cenário internacional.

Ilaria Costanzo

Renato Mangolin